

E N S A I O S

A GUERRA INVADE O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Ana Amélia Vianna Gouvêa*

RESUMO:

A situação contemporânea interfere na narrativa de muitos dos livros do ciclo do Picapau Amarelo. Em O poço do Visconde (1937), resultado das campanhas de Lobato pelo petróleo, o receituário para redenção do povo brasileiro é evidente. Em A chave do tamanho (1942), em meio à Segunda Guerra Mundial, Lobato proporia o extremo oposto: retirar da humanidade todos os meios para exercer a violência – alijá-la do acesso ao maquinário guerreiro e reduzi-la ao mundo natural.

PALAVRAS-CHAVES: *Monteiro Lobato, literatura infanto-juvenil e Segunda Guerra Mundial*

A partir de meados dos anos 1910, quando inicia sua atuação pública, Monteiro Lobato começa a refletir sobre a necessidade de nacionalizar a literatura para crianças, para as quais planeja oferecer "um fabulário nosso", em substituição aos livros importados da Europa. Em 1916, em carta ao amigo Godofredo Rangel, Lobato critica a excessiva moralidade dos poucos livrinhos brasileiros e as traduções portuguesas de clássicos franceses, que compara a uma moita de amoras selvagens: "espinhentas e impenetráveis".¹

Em 1921, quando publicou *Narizinho arrebitado*, já era um editor ambicioso, que acabara de fundar a editora Monteiro Lobato e Cia. A série do Picapau Amarelo – trinta e duas histórias originais e sete adaptações – encerrou-se em 1944 com *Os doze trabalhos de Hércules*. Ao final da vida, Lobato pôde ver mais de cem títulos em circulação no Brasil e na Argentina, além de traduções para o francês, espanhol, inglês, árabe, alemão, japonês, iídiche e italiano.

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Brasileira), 2003.

A série caracterizou-se por impressões bem cuidadas, com textos de fácil leitura, que, aos poucos, se constituíram em uma história sem fim. Os episódios podem ser lidos separadamente ou em sequência. "À medida que os anos correm, o escritor os vai aperfeiçoando. Remodela, amplia, funde histórias, dá mais vida e colorido às aventuras," resume Cavalheiro.²

O resultado final é um mundo ordenado, razoavelmente estável, embora permeável a mudanças. O Picapau Amarelo constitui o que J.R.R. Tolkien³ denomina "mundo secundário" – um lugar que se acessa por meio da imaginação, regido por um conjunto de convenções e regras reconhecíveis e coerentes com uma lógica interna própria. As mudanças operadas em personagens e cenários concorrem para a sensação de "literary belief". Afinal, uma das características mais marcantes dessa produção é justamente a troca de fluidos com o "mundo primário", como Tolkien chama a realidade imediata.

A marcha da História altera aspectos do Sítio do Picapau Amarelo, evidenciando a permeabilidade do mundo criado por Lobato à realidade em andamento. O principal recurso utilizado para que os personagens acessem o "real" é a discussão de informações vindas do mundo exterior. Uma ponte entre a ficção e a realidade.

A ligação pode se dar pela leitura de jornais, por uma remessa de livros, uma carta ou telegrama ou mesmo pela audição do rádio (*A chave do tamanho, O Poço do Visconde, História das invenções, História do mundo para crianças, Geografia de Dona Benta, Peter Pan, Dom Quixote, O Sítio do Picapau Amarelo*). Esses procedimentos evidenciam algumas características de Dona Benta, como a de ser uma avó que faculta aos netos instrumentos de interpretação do mundo e de ser uma consumidora ativa de bens culturais e de informação.

Seria limitador, contudo, encarmos seus escritos apenas como parte de um projeto elitista e restritivo. Ainda que conduzido por uma minoria esclarecida, o sonho de Lobato de um país melhor valia para todos, como demonstra *O poço do Visconde*.

O POÇO (DO NETO) DO VISCONDE

Preso a convicções baseadas em leituras positivistas e evolucionistas, Lobato desenvolveu uma visão linear da história. Avaliava que o estágio histórico em que se encontrava o país já havia sido percorrido pelas nações mais desenvolvidas, e caberia às lideranças nacionais acelerarem a marcha da história, apressando a chegada do progresso. Para fazer sua parte nessa corrida, trabalhou por quase vinte anos na implantação de uma mentalidade industrial, capitaneada pela iniciativa privada. Num primeiro momento, no início dos anos 1930, abraçou a causa do ferro. Um pouco mais tarde, teve vez a luta pelo petróleo. Nos documentos disponíveis – cartas, entrevistas, conferências e os livros *O escândalo do petróleo* (1936) e *O poço do Visconde* (1937) – podemos recuperar a utopia de um Brasil desenvolvido, com vilas de empregados em cujas casas houvesse "até rádio e geladeira".

Escrito em meio à luta de Lobato pela implantação da indústria privada do petróleo, *O poço do Visconde* tem final apoteótico: depois de encontrar petróleo, os netos e os bonecos auxiliam Dona Benta a distribuir a riqueza auferida, dando início à onda desenvolvimentista que percorre o país. A senhora assume o papel que Lobato cobrava do próprio Getúlio, como mostra o trecho da correspondência enviada ao ditador em maio de 1940 e que continha os pretextos que o levaram à cadeia:

*Dr. Getúlio: faça do caso do petróleo, como eu o exponho aqui, ponto do seu programa, objetivo de sua vida – e desse modo trabalhará mais para o Brasil dum modo infinitamente mais proficuo do que apenas regulamentando o que já existe. O que existe é tão pouco, que não há regulamentação nenhuma que adiante. Sem riqueza real um povo apodrece.*⁴ **[Grifo do autor]**

Do ponto de vista literário, *O poço do Visconde* padece por ser aderido demais à campanha de Lobato. Por outro lado, oferece os principais pontos de vista do autor sobre o Brasil – governo, classe dirigente, povo –, além seu receituário para encaixar o país nos trilhos do desenvolvimento. Para Lobato, o petróleo é a receita para aumentar a eficiência dos povos, O petróleo é "ouro líquido", "a riqueza das nações", "o motor do mundo", "energia mecânica sob forma líquida". Uma promessa que beira o miraculoso e explicita a crença ingênua do autor no poder do progresso de tornar mais cômoda a vida humana.

LOBATO E A CHAVE DO TAMANHO

Lobato era um senhor de 60 anos quando escreveu *A chave do tamanho*. Fazia poucos meses que havia deixado a prisão, para onde havia sido mandado pelo Estado Novo; seu filho estava à morte; e o andamento da Guerra ainda não permitia antever a vitória dos aliados. Para angústia de Lobato, o Estado Novo, embora já apoiasse os aliados, havia dado mostras de simpatia ao Eixo, e ele sabia que a Guerra era decisiva para Vargas.⁵

No plano internacional, o panorama ainda era mais sombrio. Até então, todas as campanhas alemãs haviam sido vitoriosas. Somente do fim daquele ano em diante é que o poderio alemão começa a ser ameaçado, mas, então, *A chave do tamanho* já estava publicada. O livro parece ter sido escrito no começo de 1942, inverno na Europa, coincidindo com a entrada dos Estados Unidos na Guerra e com a campanha russa.

Das reminiscências de veteranos do Paraguai às primeiras explosões atômicas, encontramos na obra de Monteiro Lobato os principais conflitos testemunhados desde o final do século XIX. Os brasileiros: Canudos, Revolução Federalista, Revolução Constitucionalista de 1932; e os internacionais: Revolução Russa, Primeira e Segunda Guerra Mundiais. Por último as experiências nucleares no atol de Bikini.

Mas o livro em que o tratamento da guerra atinge sua melhor resolução é *A chave do tamanho*, publicado em 1942, o ano decisivo da Segunda Guerra Mundial, quando a máquina de guerra de Hitler havia atingido o máximo de sua expansão. O livro, último de uma longa linhagem de textos sobre o tema da Guerra, é a consolidação de um ponto de vista cético e pessimista sobre a humanidade.

A chave do tamanho tem início com os personagens reunidos junto à porteira, assistindo ao que Monteiro Lobato chama de pôr do sol de trombeta, expressão significativa, que comporta duas idéias: a da aproximação da noite e do anúncio de algo solene, catastrófico, apocalíptico, feito por meio de trombetas. Fato que viria a se confirmar em seguida, com a chegada do carteiro com os jornais. Pedrinho lê as notícias:

– Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à beça.⁶

Como intelectual engajado nas lutas de seu tempo, Lobato apresenta, pela reação de Dona Benta, seu ponto de vista diante da Guerra. E que o se vê é a sensação, observada em outros depoimentos, de que o mundo havia ficado menor, de que qualquer aspecto dos conflitos dizia respeito a todos. Murilo Marcondes de Moura, no estudo *Três poetas brasileiros e a*

Segunda Guerra Mundial, demonstra que "essa ocupação com os acontecimentos da guerra era também partilhada por muitos outros autores brasileiros, principalmente naquele ano de 1942, que significou, para os historiadores, a 'bissetriz' do conflito".⁷ A fala de Dona Benta se situaria, então, no mesmo plano do "sentimento do mundo" drummondiano ou da sugestão de Hobsbawm de que a Guerra teria sido uma aula de geografia.

– (...) A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro deste corpo, como cada dedo, cada unha, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, ou fere uma netinha, como você, ou deixa aleijado um pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. É uma perversidade tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer.

Em resposta a isso, Emilia planeja uma viagem à Casa das Chaves, um lugar imaginário, que regularia todas as coisas do mundo, inclusive as guerras. Sem saber qual escolher, tenta a primeira chave. Num instante, vê-se envolta pelo próprio vestido. Ao desvencilhar-se, analisa o ambiente e conclui três coisas: primeiro, que seu tamanho equivalia a um centímetro; segundo, que o que havia acontecido a ela deveria ter se estendido à humanidade; terceiro, e mais importante: se os homens haviam perdido o tamanho, a guerra chegara ao fim: "Pequeninos como eu, os homens não podem mais matar-se uns aos outros, nem lidar com aquelas terríveis armas de aço. O mais que poderão fazer é cutucar-se com alfinetes ou espinhos! Já é uma grande coisa..."⁹

Ao reduzir o tamanho da humanidade, Emilia devolve o *Homo sapiens* ao mundo natural. Nu em pêlo, indefeso diante do clima e dos novos perigos, resta ao ser humano perecer ou adaptar-se. Por outro lado, o mundo natural, em contraste com

o mundo histórico, que vivia escassez e racionamento, oferece abundância de alimentos e de recursos. E embora causadora de uma enorme catástrofe, a boneca defende-se:

– A tal civilização clássica já estava chegando ao fim. Os homens não viam outra solução além da guerra – isto é, matar, matar, matar, destruir todas as coisas criadas pela própria civilização – as cidades, as fábricas, os navios, tudo. Pense bem, visconde. Essa tal civilização havia falhado. Havia enveredado por um beco sem saída – e a saída que achava era suicidar-se a tiros de canhão.

Em seguida, Emilia convence Dona Benta de que seria necessário sair pelo mundo coletando subsídios para um plebiscito que decidiria o tamanho da humanidade. A visita aos alemães cabe a maior fatia da viagem. No palácio do governo, encontram Hitler sob a escrivaninha, apresentam-se, ridicularizam o poder militar agora sem uso dos alemães, ironizam o arianismo e a superioridade racial e anunciam ao ditador que o tamanho só seria restituído à humanidade se ele fizesse a paz e recolhesse as armas. Caso contrário, o mesmo "alguém" que alterou o tamanho dos humanos poderia encolhê-los ainda mais, de forma que os inimigos passariam a ser "as pulgas e as moscas".

Depois de disputa acirrada no Sítio do Picapau Amarelo, o tamanho é restituído à humanidade. Emilia acata a decisão da maioria.

Vendo que não havia remédio senão conformar-se com a opinião do maior número, Emilia fungou, fungou e, com a mais nobre humildade – grande exemplo para todos os ditadores do mundo – disse para o Visconde: – Pois vamos para a casa das chaves, macaco!¹¹

Mais do que uma condenação ao Eixo ou ao nazifascismo, *A chave do tamanho* foi uma declaração de guerra à própria guerra. Isso, sim, pode ser uma de suas diferenças em relação à literatura infanto-juvenil do período, na qual o conflito é oportunidade de heroísmo.¹² É o caso dos livros em língua inglesa que narram aventuras relacionadas à Royal Air Force, nos quais o objetivo é neutralizar os planos dos inimigos. No cenário alemão, mobilizar a infância e a juventude também era crucial. No conjunto da produção, sobressai a idéia da abnegação a um destino guiado por um valor mais alto, representado pela obediência ao Führer. Renúncia é o modo de dar sentido à própria vida.

Outra leitura que salta aos olhos é o desencanto de Monteiro Lobato com o mundo industrializado que havia engendrado, em sua busca por novos mercados, a mais violenta guerra jamais conhecida. O paradoxal é encontrar esse fastio com o mundo das máquinas e com o progresso material em Monteiro Lobato, que capitaneou durante todo o governo Vargas as principais iniciativas "civis" de industrialização brasileira. Em *A chave do tamanho* o que mais se encontra são imagens desse fastio:

– Não só vamos subsistir, como até criar uma civilização muito mais agradável que a velha – sem os horrores das desigualdades sociais, da fome, das Blitzkriegs e das inúteis complicações criadas pelos inventos mecânicos. (...) Estamos livres do fogo e de seu filho, o ferro, e das mil reinações que os dois faziam no mundo, como as grandes guerras em que tudo era ferro e fogo.

O poço do Visconde, resultado da necessidade de promover a campanha do petróleo, quando todos os recursos pareciam esgotados, é uma apologia evidente ao progresso e à industrialização. Em 1942, no coração da Segunda Guerra Mundial, Lobato proporia o extremo oposto: retirar da humanidade todos os meios para exercer a violência – alijá-la do acesso ao maquinário guerreiro e reduzi-la ao mundo natural.

A chave do tamanho foi a maneira encontrada por Lobato para denunciar o recrudescimento da violência, num momento em que parecia inevitável o domínio do mundo pelo fascismo; foi também a forma de preparar, ainda que a longo prazo, uma geração capaz de combatê-lo. Em outras palavras, o investimento na literatura infantil foi, mais uma vez, a fórmula *eleita por Monteiro Lobato como resistência*. Em *carta a Godofredo Rangel*, de 28 de março de 1943, ele deixa claro o quanto acreditava no poder da palavra e em seu potencial para a educação infantil:

A receptividade do cérebro infantil ainda limpo de impressões é algo tremendo – e foi ao que o infame fascismo da nossa era recorreu para a sórdida escravização da humanidade e supressão de todas as liberdades. A destruição em curso vai ser a maior da história, porque os soldados de Hitler leram em criança os venenos cientificamente dosados do hitlerismo (...).

Em sua busca de caminhos para o país, a melhor parte da atuação de Monteiro Lobato – a que mais chances apresenta de sobreviver ao próprio tempo – parece ser a literatura infanto-juvenil. Embora inicialmente concebidos como parte de uma estratégia editorial, seus livros assumiram, com o passar dos anos, a tarefa de formar a elite capaz de constituir a nação brasileira. Uma elite pensante, conhecedora das principais invenções a serviço da humanidade, pacifista, informada

e contestadora, aberta a novas idéias e teorias. É para essa elite que ele parece haver construído o Sítio do Picapau Amarelo, no qual reconhecemos suas idiossincrasias, mas também suas melhores intenções.

NOTAS

1. LOBATO. *A barca de Gleyre*, p. 104.
2. CAVALHEIRO. *Monteiro Lobato – vida e obra*, p. 148.
3. TOLKIEN. *Children and fairy stories*.
4. LOBATO. *O escândalo do petróleo*, p. 181.
5. CAVALHEIRO. *Monteiro Lobato – vida e obra*, p. 170.
6. LOBATO. *A chave do tamanho*, p. 6.
7. MOURA. *Três poetas brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*, p. 26
8. LOBATO. *A chave do tamanho*, p. 7.
9. LOBATO. *A chave do tamanho*, p. 13.
10. LOBATO. *A chave do tamanho*, p. 100.
11. LOBATO. *A chave do tamanho*, p. 206.
12. No Brasil, outro autor a falar sobre a Segunda Guerra é Jeronymo Monteiro, no volume intitulado *Os nazis na ilha do mistério*, de 1943. Para ele também a guerra significou um cenário de aventura.
13. LOBATO. *A chave do tamanho*, p. 178.
14. LOBATO. *A barca de Gleyre*, p. 346.

ABSTRACT:

The contemporary situation impacts on the narrative of many works of the 'Picapau Amarelo' cycle. In O poço do Visconde (1937), a result of Lobato's commitment to the nationalist oil campaign, his recipe for the redemption of the Brazilian people, is evident. In A chave do Tamanho (1942), in the middle of the Second World War, Lobato flies to the opposite extreme: proposing to remove from humanity all means of exercising violence - to deny it access to war materiel and reduce it to a state of innocence.

KEY WORDS: *Monteiro Lobato, children's literature, Second World War.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962. 2 v.

LOBATO, José Bento Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968. tomo 1. (Obras Completas de Monteiro Lobato - 1ª série - literatura geral - v. 11)

LOBATO, José Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. tomo 2. (Obras Completas de Monteiro Lobato - 1ª série - literatura geral - v. 12)

LOBATO, José Bento Monteiro. *O poço do visconde*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950. (Obras Completas de Monteiro Lobato - 2ª série - literatura infantil - v. 10)

LOBATO, José Bento Monteiro. *A chave do tamanho*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950. (Obras Completas de Monteiro Lobato - 2ª série - literatura infantil - v. 14)

MOURA, Murilo Marcondes de. *Três poetas brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: USP, 1998. (Tese de Doutorado em Literatura Brasileira)

TOLKIEN, J. R. R. Children and fairy stories. In: EGOFF, Sheila; STUBBS, G. T.; ASHLEY, L. F. (Org.). *Only connect - readings on children's literature*, 2nd ed. Toronto/New York: Oxford University Press, 1980. p. 111-120.